

Apresentação. Dossiê temático do GT-1 do Colóquio Espaço e Economia. “Dominância financeira, capitalismo de plataforma e reestruturação produtiva”

Beatriz Rufino 

Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil
beatrizrufino@usp.br

Fábio Tozi 

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
fabio.tozi@gmail.com

Roberto Moraes Pessanha 

Instituto Federal Fluminense
Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil
robertomoraespessanha@gmail.com

É com alegria que apresentamos o dossiê **Dominância financeira, capitalismo de plataforma e reestruturação produtiva**, que congrega os artigos apresentados no Grupo de Trabalho homônimo que fez parte do **V Colóquio Internacional Espaço e Economia**. O evento realizou-se em Goiânia, no *campus* da Universidade Federal de Goiás (UFG), entre os dias 25 e 28 de novembro 2025. Essa foi a segunda edição do GT, após sua estreia no IV Colóquio, realizado na UERJ, em 2022.

Os 26 trabalhos selecionados para o GT revelam a relevância que o tema ganha nas análises geográficas e econômicas, coincidente com sua maior presença na vida social. É importante explicitar o critério de seleção dos trabalhos: inicialmente, foram avaliados a partir dos seus resumos expandidos, antes do Evento. Após sua apresentação e debate, presencialmente em Goiânia, os autores foram convidados a submeter o artigo completo à Geografarcs, seguindo as normas e trâmites da Revista. Assim, após as etapas de avaliação e revisão, apresentamos 12 trabalhos, todos resultantes de pesquisas inéditas, em curso ou já finalizadas.

O dossiê traz pesquisas que descortinam a voracidade da associação entre financeirização e plataformização nos diferentes domínios da vida social e da esfera produtiva. Os trabalhos apresentam análises de diversas manifesta-

ções contemporâneas do processo de digitalização do território, iniciado há algumas décadas. Ao apresentar um panorama sobre temas emergentes, esperamos que este conjunto de textos possa ajudar outros pesquisadores a avançar em suas investigações, com debates teórico-conceituais rigorosos e metodologias criativas.

As variadas articulações entre dominância financeira, plataformas digitais e reestruturação produtiva tornaram-se um instigante campo para a compreensão das transformações em curso na produção do espaço e no mundo do trabalho. Os consolidados debates da financeirização, discutidos por meio dos processos de abertura de capital das empresas e pela disseminação de fundos de investimento, títulos financeiros e outros mecanismos voltados à captura de rendas, avançam nesse novo contexto para um novo estágio, com a digitalização, a dataficação e a plataformização operando como novos motores de capitalização de rendas.

O fenômeno da digitalização vem sendo sustentado pelo setor das finanças que é o primeiro e maior usufrutuário do avanço dessa tecnologia. A articulação entre assetização e rentismo (Langley, 2020) e a forte imbricação entre finanças e tecnologia são fatores chave da interpretação do presente. As finanças estão na gênese desse processo que, todavia, vai muito além do capital de risco e das gestoras de fundos. A dataficação é um processo que se situa numa camada acima da digitalização, pois é base e orientação para criar novos dispositivos e mercados (*marketfation*, Callon, 2018), com a conversão de atividades humanas, naturais e maquinicas em dados (Amadeu, 2025). A dataficação se utiliza das plataformas como infraestrutura de intermediação entre produção e consumo, sustentada em dados dirigidos e controlados pelos algoritmos, em novo processo que passou a ser denominado como plataformização.

A dataficação é um fenômeno contínuo, pervasivo (se espalha) e cumulativo que busca extrair dados de tudo: pessoas (comportamentos e movimentos); natureza, das coisas e das máquinas. Por isso, embora a metáfora seja uma aproximação válida para iniciar debates, é fundamental destacar que dado não é igual a petróleo, como se acostumou a comparar. Enquanto o segundo existe puro na natureza, os dados precisam de algoritmos para serem relacionados, correlacionados e extraídos. Assim, os dados se transformam em *commodities*, em ativo (assetização) e em capital e se amplia em seguidos ciclos de reprodução do capital digital que leva a novos mercados e negócios e ao consequente gigantismo e oligopolização das corporações de tecnologia.

A ascensão das *big techs* e das corporações-plataforma não apenas reconfigura setores inteiros da vida social e econômica, abrangendo desde empresas associadas à circulação de mercadorias e pessoas até a intermediação do trabalho e do crédito, como também aprofunda e renova formas de valorização fictícias de capital e o controle de um conjunto de infraestruturas subjacentes a esses processos.

As *big techs* assumem hoje importante papel geopolítico configurando-se como as mãos invisíveis que atualizam a geopolítica dos Estados nacionais nesta segunda década do séc. XXI. Aliás, neste segundo mandato do presidente Donald Trump (Partido Republicano), ficaram explícitas as cooperações e apoios entre as corporações da informação, o sistema financeiro e a ação estatal, exacerbando o poder político e econômico das mesmas.

Se a dataficação é uma condição do capitalismo informacional, o controle das infraestruturas, *datacenters*, terras raras e das redes é seu correlato material irrevogável. O caso chinês, país que caminha rapidamente no domínio dos caminhos da inovação radical, como simbolizam os avanços na Inteligência Artificial, abre uma nova fronteira empírica a ser enfrentada pelas pesquisas acadêmicas.

O Brasil, como mostram as pesquisas aqui agregadas, é, nesse processo, um território em disputa na reconfiguração dos arranjos produtivos do capitalismo atual. Seus recursos, distribuídos em um vasto território, se somam à sua grande população, seu nível de renda, suas fontes de energia. Ao mesmo tempo, suas variáveis qualitativas são numerosas: a ação do Estado, capitais e firmas nacionais, usos populares das técnicas e experiências locais mostram a diversidade das possibilidades e caminhos em disputa. Isso torna o país num importante laboratório para diversos experimentos, dos mais exploradores, aos mais emancipadores.

A escala nacional é particularmente importante nos dois primeiros textos do dossiê. Luis Henrique Leandro Ribeiro e Lucas Cortez Tavares debatem a soberania digital brasileira a partir do par-dialético miltoniano psicoesfera-tecnoesfera, mostrando a atualização do conceito clássico em face do avanço técnico-informacional, por um lado, e das experiências, populares, por outro. Gustavo Augusto Moreira, por sua vez, debate os dilemas da digitalização do Sistema Único de Saúde e a expansão de empresas privadas de saúde, a partir de uma empresa com forte atuação no território fluminense. Em uma conjuntura extranacional, a pesquisa de Vitor Iamonti apresenta a reorganização dos sistemas de pagamentos com base em processos de digitalização, em países latino-americanos.

As escalas urbana e metropolitana são recortes que aparecem nos artigos seguintes. Caio Zarino Jorge Alves e Adriana Maria Bernardes da Silva tratam das *fintechs* em São Paulo, metrópole corporativa que renova sua centralidade nas ondas de modernização informacional. Já a cidade-região de Porto Alegre é analisada por Paulo Roberto Rodrigues Soares e Gabriel Corrêa, que apresentam a dinâmica de expansão dos atacarejos na área, manifestação das reestruturações da etapa da circulação advindas do capitalismo de plataforma. Beatriz Bicalho e Amanda Silva Almeida associam a noção de cidade informatizada à de urbanização corporativa para debater a hierarquia urbana das cidades num território nacional que se digitaliza desigualmente.

Na sequência, os setores imobiliário e de locação de imóveis estão no centro de três pesquisas: os novos modelos de negócio difundidos pelas plataformas digitais de locação imobiliária e a assetização da locação são abordados no texto de autoria de Lucas Meirelles Toledo Ramos Batista. Em seguida, Larissa Prado Rodrigues destaca a particular expansão dos aluguéis de curta temporada graças à associação entre plataformização e a ação de fundos de investimento, traçando os caminhos da financeirização no setor imobiliário. Já os impactos da digitalização nos leilões de imóveis de interesse social no Rio de Janeiro é o tema pesquisado por Júlia Saraiva Barbosa Martins.

O último conjunto de textos trata de dois setores a partir dos quais se deu a banalização da plataformização da econômica: transporte de passageiros e entregas. Esses setores também estão entre os mais presentes no cotidiano urbano e é neles que muitas experiências de hiperexploração do trabalho se ensaiam. Thayana Simões, Regina Tunes e Pablo Ciccolella descortinam as relações de trabalho e exploração que caracterizam a uberização, tendo a praça do Largo do Machado, no Rio de Janeiro, como um local articulador das relações entre trabalho e circuitos da economia urbana. Na continuidade, a uberização no setor de transporte de passageiros na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais, é analisada por Luca Bonando e Gustavo Emiliano Silva. Os autores se apoiam em entrevistas com motoristas para associar a precarização do trabalho a outras desigualdades socioespaciais brasileiras, especialmente a periferização e a racialização dos sujeitos. Por fim, Fábio Tozi e Bárbara Ramos Azalim identificam uma segunda fase de plataformização que se dá a partir da criação de pequenas plataformas locais de transporte em municípios onde as grandes firmas do setor não atuam. Essa “plataformização dos pequenos” mimetiza o modelo de negócio das *big techs*, mas adapta-se às condições e aos condicionantes das situações geográficas locais.

Em conjunto, os textos aqui reunidos oferecem um panorama abrangente e atualizado das múltiplas frentes em que a dominância financeira e o capitalismo de plataforma reestruturam a economia e o espaço. Se por um lado evidenciam uma diversidade de setores impactados, por outro se aproximam ao revelar a precarização do trabalho e o aprofundamento das desigualdades socioespaciais como processos recorrentes nessas mudanças. Os avanços reunidos neste dossiê reafirmam a atualidade e o relevo dessa agenda de pesquisa, ainda repleta de lacunas empíricas e desafios teóricos a enfrentar. Esperamos que os resultados aqui compartilhados possam ampliar as interlocuções dos pesquisadores dedicados ao tema, com os trabalhos apresentados abrindo caminhos para novos debates e perspectivas sobre a reestruturação capitalista em seus múltiplos e contraditórios processos. ●